

Timothy M. Gallagher, omv

CONSOLAÇÃO ESPIRITUAL

*Um Guia Inaciano
para o Maior Discernimento de Espíritos*



EDITORIAL AO

Título original

Spiritual Consolation:

an Ignatian Guide for the Greater Discernment of Spirits

© 2007 By Timothy M. Gallagher, omv

The Crossroad Publishing Company

New York

ISBN 13: 978-0-8245-2429-6

ISBN 10: 0-8245-2429-2

Tradução

Carlota Lobo

Capa

Romão Figueiredo

Paginação

Editorial AO

Impressão e Acabamentos

Sersilito – Empresa Gráfica

Depósito Legal nº

532272/24

ISBN

978-972-39-0983-8

Maio de 2024

Com todas as licenças necessárias

©

SECRETARIADO NACIONAL DO APOSTOLADO DA ORAÇÃO

Rua S. Barnabé, 32 – 4710-309 BRAGA | Tel.: 253 689 443

livraria.apostoladodaoracao.pt | livros@snao.pt

www.redemundialdeoracaodopapa.pt

Introdução

Tinha terminado uma reunião e a seguinte estava prestes a começar. Sentei-me no escritório, à espera. Naquele curto espaço de silêncio, dei por mim a pensar nas inúmeras atividades que tinham ocupado a minha mente, o meu coração e o meu tempo nos dias anteriores – interações com os outros, esforços por rezar, vários projetos em diferentes fases de execução – e dei-me conta de que me sentia feliz.

Um momento de reflexão mostrou-me a razão pela qual o meu coração se animava. No dia anterior, tinha sido convidado para fazer uma palestra de fim de semana a um grupo que conhecia bem. Este era o tipo de trabalho que eu adorava fazer e estas eram pessoas que iriam estar recetivas à formação. Neste contexto, vi imediatamente as muitas possibilidades de fecundidade espiritual, tanto para o próprio grupo, como para outros, através dos seus membros. Para além disso, aceitar este convite iria, muito provavelmente, criar mais oportunidades para formações complementares no futuro. Tanto a nobreza da tarefa em si, como o correspondente ardor do meu próprio coração inclinavam-me a dizer «sim» a este convite.

No entanto, uma hesitação surgiu na minha cabeça. O fim de semana pedido por este grupo caía entre uma série de semanas já reservadas para um outro, maior, projeto apostó-

lico. Muitos sinais, interiores e exteriores, tinham confirmado que este grande projeto era de Deus; também ele oferecia uma valiosa oportunidade de serviço apostólico e eu estava agradecido por isso. Poderia aceitar uma nova proposta sem prejudicar o compromisso que já tinha – sem prejudicar, em certa medida, a minha prossecução daquilo que já parecia ser o chamamento de Deus para aquelas semanas?

Como deveria eu compreender a alegria que senti no coração ao considerar o novo convite? Será que esta alegria tinha importância espiritual? Seria esta, essencialmente, uma resposta humana a um convite pessoalmente afirmativo, a um pedido bem-vindo para uma tarefa que me agradava? Seria consolação espiritual – o aquecer do coração vindo da fé, sinal do Espírito de Deus a operar em mim – e deveria eu, por isso, compreender que Deus desejava que eu aceitasse esta proposta? Enquanto passavam os minutos silenciosos, não encontrei respostas imediatas para estas questões.

* * *

Isto é só um exemplo de uma questão maior e mais crucial na vida espiritual: quando um compromisso desperta alegria espiritual em nós, será esta alegria, este sentimento feliz de proximidade com Deus, sempre um sinal de que Deus nos chama a aceitar esse compromisso? Se não for, como podemos distinguir quando tal alegria é sinal de uma solicitação de Deus e quando não é? E se, numa situação concreta, tal alegria não é uma indicação de um estímulo de Deus, como é que a devemos entender?

O pároco de uma florescente paróquia suburbana, um homem de oração, um orador dinâmico e um pastor dedi-

cado, sob a liderança de quem a paróquia se renovou e através de cujo ministério os paroquianos encontram alimento espiritual, experimenta uma atração crescente, durante a oração, pelo serviço aos pobres numa paróquia no centro da cidade. O seu coração rejubila com a ideia de servir a Cristo nos marginalizados daquela paróquia. Ele considera pedir a transferência ao bispo, confiante de que a alegria espiritual que sente confirma que é isto que Deus lhe pede.

Uma mulher casada e ativa tem crescido na fé e no amor de Deus, nos últimos anos. O seu coração tem encontrado alegria crescente e a sua vida está mais rica em significado, ao aproximar-se do Senhor que ela ama. O seu casamento e a relação com os filhos têm sido abençoados pelo aprofundamento da sua comunhão com o Senhor. Participa num fim de semana de retiro e, durante esses dias, encontra-se profundamente com o Senhor, em experiências abençoadas de oração silenciosa com as Escrituras. Ela considera agora acordar mais cedo todos os dias para rezar igualmente sem pressas, com profundidade, de forma a encontrar uma renovada energia espiritual para servir o Senhor e a sua família. A ideia dessa oração diária desperta alegria no seu coração, diante de Deus.

A alegria espiritual que o pároco sente ao considerar a mudança de ministério é sinal claro de que Deus deseja isto para ele? Irá esta mudança, em última análise, levar ao seu próprio benefício espiritual e de todos os afetados por esta mudança? Deverá esta mulher ativa acordar todos os dias mais cedo para rezar neste modo tão proveitoso para ela? Será que este novo passo irá, realmente, levar a um maior crescimento no Senhor, para ela e para a sua família? Como

devem estas e outras pessoas generosas, em situações semelhantes, compreender a alegria espiritual que sentem ao considerar estas escolhas? Em terminologia inaciana, como devem elas *discernir* o significado das moções da consolação espiritual que sentem dentro de si? Será esta consolação espiritual um sinal claro daquilo que Deus deseja? Será que se devem guiar por isso nas escolhas que fazem? Estas são as questões que Inácio aborda no seu segundo conjunto de regras e são o tema deste livro. Os riscos espirituais aqui são elevados, precisamente porque estas questões envolvem boas pessoas, cuja contribuição – ou diminuição da mesma – é de grande importância para a vida da Igreja; o discernimento exercido por estas pessoas, nestas situações, terá grande impacto no seu bem-estar espiritual pessoal e no bem-estar de muitos outros.

Quando comecei a trabalhar com os Exercícios Espirituais de Santo Inácio, apercebi-me rapidamente da necessidade de um entendimento sólido do *discernimento dos espíritos* – o processo de sentir, conhecer e responder aos impulsos espirituais dos nossos corações – que é tão central nos Exercícios Espirituais. Nos seus Exercícios, Inácio apresenta dois conjuntos de diretrizes para este discernimento. Eu comecei os meus estudos e, mais tarde, o meu ensino do discernimento focando-me no primeiro conjunto de diretrizes de Inácio, as catorze regras (EE 313-327), nas quais ele explica a consolação espiritual e a desolação espiritual e oferece aconselhamento prático no sentido de ultrapassar esta última: os momentos em que os nossos corações se sentem longe de Deus e a nossa energia para a vida espiritual esmorece. A experiência de aprender e dar assistência

a outros na aplicação destas catorze regras ensinou-me o quão poderosas e eficazes estas são na libertação de pessoas de fé da desolação espiritual, a qual, caso contrário, poderia impedir o seu crescimento na relação com Deus.

No entanto, estas catorze regras não respondem a todas as necessidades do discernimento dos espíritos e, portanto, ainda tenho pela frente um estudo semelhante das oito regras do segundo conjunto (EE 328-336). No primeiro conjunto de regras, Inácio conduz pessoas empenhadas à libertação da *desolação espiritual*; no segundo conjunto, guia-as através do mais subtil e extremamente importante discernimento da *consolação espiritual*, introduzida acima: como podem as pessoas generosas, que desejam sinceramente amar e servir a Deus, saber quando a sua alegria espiritual é um sinal autêntico de que Deus as chama à escolha que inspira essa alegria?

Abordei este estudo tanto com vontade como com consciência da magnitude da tarefa: com vontade, porque sabia da importância destas oito regras e como são particularmente eficazes para apoiar pessoas empenhadas no discernimento da verdade da consolação espiritual; e com consciência do esforço necessário, porque sabia que estas oito regras abordariam um discernimento mais complexo do que aquelas do primeiro conjunto. Como Inácio explicitamente indica, o segundo conjunto de regras contém «matéria mais subtil e demasiado elevada» (EE 9), se comparada com a do primeiro conjunto. O processo contínuo de assimilação destas oito regras, na teoria e na prática, foi exigente e abençoado; e levou-me agora à escrita deste livro.

No meu primeiro livro, *O Discernimento dos Espíritos: Um Guia Inaciano para a Vida Quotidiana*, falei acerca do primeiro conjunto de regras para o discernimento dos espíritos¹. Inácio presume que aqueles que procuram aplicar o segundo conjunto de regras já se familiarizaram com as regras do primeiro conjunto; do mesmo modo, este livro pressupõe uma compreensão essencial da matéria apresentada no livro anterior. De modo a completar a exposição, vou rever, por vezes, temas já analisados no primeiro livro; isto, no entanto, não pode substituir uma atenção mais concreta ao primeiro conjunto de regras.

Neste segundo livro, utilizei mais uma vez a dupla metodologia adotada no primeiro: atenção especial às palavras de Inácio no texto das regras e exploração do seu conteúdo através de exemplos. Uma leitura cuidada destas oito regras, frase a frase e, em certos pontos, até palavra por palavra, é excepcionalmente eficaz na revelação da sua extraordinária riqueza de conteúdo². Estas oito regras, como as catorze do primeiro conjunto, nascem em primeiro lugar da experiência espiritual – do próprio Inácio e das pessoas que ele acompanhou. O seu objetivo é ajudar as pessoas empenhadas a discernir também a sua experiência espiritual. Discutido à luz de experiências concretas, o texto conciso e, por vezes, difícil de Inácio ganha vida e torna-se aplicável à vida espiritual³.

Por estas oito regras conterem «matéria mais subtil e demasiado elevada» em relação àquela encontrada nas catorze regras iniciais, seria expectável que as interpretações destas oito regras variassem mais do que as das primeiras catorze regras. Um estudo da literatura revela que este é efetiva-

mente o caso. Mantendo o propósito prático deste livro, discuto estes temas nas notas que remeto para o final do mesmo, em vez de o fazer no texto principal dos capítulos.

Escrevi o meu livro acerca do primeiro conjunto de regras para preencher uma lacuna na literatura existente sobre estas regras: para oferecer uma apresentação das mesmas que, sem sacrificar a exaustividade, fosse acessível a um leque mais alargado de leitores e que os ajudasse a aplicar a sabedoria destas regras na sua vida quotidiana⁴. Tendo em conta a natureza «mais subtil» do segundo conjunto de regras, esta mesma necessidade de uma apresentação essencialmente completa, mas acessível, é ainda maior. O objetivo deste livro é responder a essa necessidade: apresentar a complexidade do segundo conjunto de regras com clareza tal que as torne ao mesmo tempo mais compreensíveis e úteis na prática⁵. Tal entendimento é pressuposto necessário a qualquer aplicação correta destas regras; torna possível o discernimento na complexa experiência espiritual que Inácio nelas descreve⁶.

Este livro destina-se a todos os que procuram uma compreensão abrangente do discernimento inaciano dos espíritos; claramente, esta compreensão integral deve incluir um conhecimento sólido do segundo conjunto de regras, juntamente com o primeiro. Contempla todas as pessoas que procuram «*subir de bem em melhor*» (EE 331) no serviço do Senhor que amam e que, pelo caminho, se deparam com o delicado e extremamente importante discernimento em relação à consolação espiritual descrita acima. Foi escrito como um recurso para todos aqueles que servem como guias espirituais e que acompanham outros neste «subtil» discernimento; um entendimento prático do segundo con-

junto das regras de Inácio irá providenciar aos guias um apoio valioso neste serviço.

Com o passar dos anos, trabalhando continuamente o discernimento inaciano dos espíritos, tornei-me cada vez mais consciente de que a pobreza de espírito (*Mt* 5, 3), por si só, é o que torna este discernimento possível: «Tanto quanto os céus estão acima da terra, assim os meus caminhos são mais altos que os vossos, e os meus planos, mais altos que os vossos planos» (*Is* 55, 9). As regras de Inácio nascem da experiência e apenas uma partilha profunda dessa experiência poderia revelar completamente, no breve texto das suas regras, tudo aquilo que ele próprio compreendeu. Se isto é verdade para o discernimento em geral, é ainda mais verdade para o segundo conjunto de regras de Inácio: o conteúdo aqui é realmente «mais subtil e demasiado elevado». Foi com reverência diante do mistério do trabalho infinitamente criativo de Deus no coração humano que dei início à escrita deste livro.

Faço-o, acima de tudo, consciente da beleza destas regras. As oito regras do segundo conjunto focam-se na «maior beleza de Deus, a graça» (Gerard Manley Hopkins); falam de consolação espiritual – a jubilosa experiência que o coração faz do amor envolvente de Deus. São diretrizes que nos ajudam a preservar a integridade desse dom na vida espiritual. A sua compreensão e a sua aplicação nas nossas vidas conservam essa beleza sem a diminuir e libertam-na para cumprir a plenitude da bênção para a qual Deus a concedeu. Cada uma das oito regras que iremos agora explorar levar-nos-á a dar mais um passo na direção desse objetivo.

Índice

<i>Agradecimentos</i>	5
<i>Introdução</i>	9
<i>O Texto das Regras</i>	17
Prólogo: Um Maior Discernimento dos Espíritos	21
A Consolação Espiritual é Sempre do Bom Espírito?	21
Uma Experiência Semelhante... e um Discernimento Semelhante	23
O Título do Segundo Conjunto de Regras	25
«Regras Para o Mesmo Efeito»	27
«Com Maior Discernimento de Espíritos»	29
<i>Primeira Situação Espiritual: Primeiro Conjunto de Regras</i>	29
<i>Segunda Situação Espiritual: Segundo Conjunto de Regras</i>	34
<i>Será Realmente Necessário um Discernimento tão Subtil?</i>	38
«E São Mais Convenientes para a Segunda Semana» ...	41
<i>A Pessoa da «Segunda Semana»</i>	42
<i>Cada Conjunto de Regras no Seu Contexto Próprio</i>	44
Capítulo Um. Os Espíritos Contrastantes na Nova Situação Espiritual (Regra 1)	47
Os Espíritos que Trabalham na Segunda Situação Espiritual	47

«Verdadeira Alegria e Gozo Espiritual»	48
«Razões Aparentes, Subtilezas e Contínuas Falácias»	49
<i>Razões Verdadeiras ou Aparentes?</i>	50
<i>Um Chamamento Genuíno de Deus?</i>	54
Capítulo Dois. Quando a Consolação Espiritual é	
Claramente de Deus (Regra 2)	59
Um Dom Que Ultrapassa Todos os Esforços Humanos	59
Na Experiência de Inácio	66
Consolação Sem Causa Precedente	68
Quando a Consolação Tem Causa Precedente	70
Consolação com e sem Causa Precedente:	
Uma Comparação	74
Consolação com e sem Causa Precedente:	
Importa Distinguir?	77
Capítulo Três. Quando a Consolação Espiritual	
é Ambígua (Regra 3)	83
Experiências Contrastantes de Consolação Espiritual ..	83
« <i>Senti-me Renovada até ao Fundo de Mim Mesma</i> » ..	84
<i>Inácio em Manresa</i>	86
Experiências Semelhantes com Finais Contrastantes ...	87
Consolação Espiritual: De Qual Espírito?	90
Capítulo Quatro. Luz Verdadeira ou Falsa? (Regra 4) ..	95
«Que se Disfarça de Anjo de Luz»	95
Pensamentos Bons e Santos vindos de Deus?	96
Desmascarar a Tática do Engano	102
Princípio, Meio e Fim	105

Capítulo Cinco. O Fim Revela o Princípio (Regra 5)....	109
Onde Levam Estes Pensamentos Bons e Santos?	109
Quando o Fim Revela o Bom Espírito	113
Quando o Fim Revela o Mau Espírito	116
« <i>Alguma Coisa Má</i> »	117
« <i>Ou Distrativa</i> »	121
« <i>Ou Menos Boa</i> »	123
« <i>Ou enfraquece (a alma)</i> »	124
« <i>Ou Inquieta, ou Perturba</i> »	126
Capítulo Seis. A Avaliação Que Prepara o Futuro	
(Regra 6)	129
Uma Crescente Capacidade para Discernir	129
«Com Tal Experiência Conhecida e Notada»	131
<i>Segundas Regras</i> , 6: Uma Experiência	134
A Prática da Sexta Regra	141
Capítulo Sete. Consonância ou Dissonância? (Regra 7)	147
O Toque dos Espíritos	147
Qual Disposição da Alma?	149
<i>Consonância Espiritual</i>	151
<i>Dissonância Espiritual</i>	152
Qual Destes é Que Deus Quer?	155
Discernimento no Princípio	159
Uma Crescente Capacidade para Discernir	162
Capítulo Oito. O Tempo Ambíguo Depois da Con-	
solação Inequívoca (Regra 8)	165
«Com Muita Vigilância e Atenção»	165
O « <i>Tempo Próprio</i> » e o « <i>Tempo Que Se Lhe Segue</i> » ...	166
« <i>É Necessário Examiná-las Muito Bem</i> »	170

Consolação Espiritual

É Verdadeiramente Este o Desejo de Deus?	174
Discernimento à Luz da Oitava Regra	176
<i>Conclusão</i>	179
<i>Apêndice: O Primeiro Conjunto das Regras</i>	
<i>de Discernimento</i>	185
<i>Notas</i>	191
<i>Bibliografia Seleccionada</i>	235
<i>Índice</i>	241